



Novos paradigmas para o ensino da escrita: a programação da TV como insumo

*Denise Lino de Araújo**

A tese que apresentamos neste trabalho tem sido desenvolvida de modo bastante apropriado por profissionais da comunicação, embora não seja uma tese nova não tem sido discutida no âmbito dos estudos lingüísticos. Importa dizer que aqui a estamos reproduzindo tendo em vista fazer uma discussão voltada para o ensino de escrita num momento em que os meios de comunicação de massa interativos ganham mais espaço junto aos alunos do ensino fundamental e médio. Assim sendo, este trabalho tem duplo objetivo: primeiro, discutir as relações entre a cultura letrada tradicional e a cultura letrada interativa, veiculada especialmente pela TV. Segundo, apresentar as nossas reflexões sobre o ensino de escrita no que diz respeito à utilização da mídia em sala de aula.

Este trabalho está, portanto, organizado em duas partes. Na primeira, iremos apresentar um quadro sinóptico da questão que focalizamos - a relação entre as duas culturas aqui descritas -, tal como a estamos entendendo na atual fase de nosso trabalho. Na segunda, apresentaremos as nossas reflexões sobre o ensino da escrita, tendo como referência a questão discutida.

1- Cultura Letrada Tradicional X Cultura Letrada Interativa

A invenção da escrita e, posteriormente, a da imprensa introduziram profundas modificações nas relações sociais e na produção cultural. Dentre essas modificações destacamos duas que consideramos as mais

* Professora de Língua Portuguesa e Lingüística do Departamento de Letras - CH - UFPB

relevantes. A primeira diz respeito à instauração da possibilidade de comunicação para além da interação face-a-face, além disso essas duas invenções contribuíram de modo decisivo para o registro e a sistematização de informações - suporte e memória - bem como para o questionamento do mundo e de si mesmo (Street, 1984, Foucambert, 1989, Gee, 1990). A segunda diz respeito à multiplicidade dos escritos, atingindo dessa forma, uma audiência proporcionalmente maior.

A conjunção desses dois fatores, somados a questões de poder, que decidiram sempre quem podia escrever e o quê escrever, como fazer isto, quem devia ler, quando e por quê, gerou o que a literatura especializada denomina de cultura letrada (Graff, 1981, Gnerre, 1985, Foucambert, 1989, Soares, 1998), i.e, modos de pensar, de agir, de organizar a sociedade, as relações comerciais, jurídicas, religiosas e escolares, entre outras, que estiveram e estão marcadas pela *lógica* da escrita.

Quando nos referimos à *lógica* da escrita, estamos apontando para o fato de que a escrita não é apenas mero registro, mas é o que Eco (1989) denomina de uma máquina para produzir interpretações. Isto significa dizer que o fato, a informação de um modo geral, até podem ser divulgados independentemente do texto escrito, mas a sua análise, seja em forma de texto dissertativo, poético, teatral, jornalístico, entre outros, que é o que mais interessa e permanece, só tem repercussão e impacto quando escrita e publicada. Vale salientar que integra também essa *lógica* a prática de registros e de documentação das diversas atividades.

Ao conjunto dessas atividades, na sua forma de expressão mais clássica de publicação - os impressos de forma geral - , denominamos aqui de Cultura Letrada Tradicional (CLT). O adjetivo "Tradicional", aqui, não tem a intenção de caracterizar pejorativamente tal cultura, ou de lhe indicar um caráter de desatualização, indica apenas os seus principais veículos de difusão.

A escola, enquanto uma instituição tipicamente letrada, no sentido apontado, tem sido ao longo dos séculos, no ocidente, uma das principais representantes dessa cultura. No Brasil, o papel da escola não tem outro senão o de agir como a guardiã dessa cultura. Assumindo, em grande medida, a função de produtora e de divulgadora de livros e de seus similares impressos, tem-se mantido fiel a essa tradição e, por isso, nesse último quarto de século, especialmente, tem entrado em conflito, porque a cultura letrada não tem sido mais divulgada tão somente pelos veículos

tradicionais; os interativos entraram em cena, modificando a forma de recebermos/arquivarmos e consultarmos as informações escritas.

A partir da invenção do rádio e do cinema e sobretudo a partir da fusão desses dois meios de comunicação, o que resultou no cinema falado, posteriormente na televisão, na popularização das gravações em VHS, na difusão do conhecimento através do CD-Rom e da internet, a sociedade experimentou uma revolução no que diz respeito às formas de guardar/reter/pesquisar/interagir com o conhecimento acumulado pela humanidade e com as notícias geradas pela vida em comunidade. Chamamos a todos esses veículos de interativos porque, sobretudo, nas suas últimas versões, o intercâmbio com ouvinte/ telespectador tem se modificado, passando de distanciado e espaçado a cada vez mais presencial e constante através do uso de linhas diretas de comunicação favorecedoras da participação do ouvinte/telespectador na programação em tempo real. Quando aplicadas essas características às potencialidades do CD Rom e da internet, as possibilidades de interatividade se desdobram quase ao infinito, nos projetando num mundo virtual, rico em informações que são selecionadas conforme as necessidades/o desejo daquele que controla o teclado do computador e o mouse.

Segundo Eco (1989), ao contrário do que se imaginava, esses meios de comunicação em imagem e som são uma marca da sociedade letrada, desenvolveram-se graças a ela e, em vez de substituírem o livro, trouxeram-no de volta para o centro da história. Argumenta esse autor (1989) que

(...) antes um jovem tinha de ir ao ginásio e ler livros, para saber qual a capital de um determinado Estado, ou ainda onde fica o Nepal, ou qual a extensão da União Soviética. Hoje, não, na televisão aparecem os mapas. Todos conhecemos o oeste americano de tê-lo visto no cinema, e pouquíssimo ter lido sobre a história dos Estados Unidos (...). As novas gerações aprendem uma infinidade de coisas, através dos meios que as assediam. Não se pode afirmar, portanto, que os livros são extremamente necessários. Mas existem limites na historiografia dos meios de comunicação de massa. Após das imperfeições dos meios de comunicação existe a carência da leitura. Aqui voltamos a um ponto curioso: atualmente, deixando de lado o livro, pode-se aprender muitas coisas, que, entretanto, só são possíveis de ser ensinadas recorrendo-se ao livro. (...) No

momento em que começou no mundo a civilização da visão (televisão), aumentou o número de livros, de jornais de revistas. As forças centrífugas em relação ao livro são, no final das contas, forças centrípetas e produzem a necessidade do novo papel impresso (p.39).

É inegável que esses veículos que nasceram e se estruturaram sobre o livro são exímios divulgadores da cultura letrada, nesse sentido, é que constituem o que denominamos de cultura letrada interativa (CLI). Esta parece atualmente introduzir profundas modificações nas relações sociais, além de estar inaugurando uma nova forma de “alfabetização”, denominada por Ferreiro (1997) de “computer literacy”. O que assistimos é a uma mudança histórica cujos reflexos atingem os usos da linguagem e as suas formas de veiculação e de divulgação.

Desse modo, portanto, verificamos que as relações e os câmbios entre a CTL e CLI são os mais intensos e entremeados que a conjugação dessas formas de divulgar a cultura letrada pode permitir. Estas relações de permuta/transformação/remissão entre os textos impressos e os audiovisuais favorecem a intertextualidade entre a literatura X cinema, a TV X literatura, TV X cinema, cinema/TV X os quadrinhos, produção publicitária X música, a poesia, as informações científicas, entre tantas outras formas. Nesse caso, a principal consequência é uma maior produção escrita, todavia, mais pulverizada, e, muitas vezes, muito mais conhecida não exatamente por aquilo que se disse no texto primeiro, mas pelo que as adaptações e a crítica disseram. Para se ter uma dimensão clara dessa consequência basta apenas imaginar o número de pessoas que nunca leu, por exemplo, *Tieta do Agreste*, mas conhece a história por que assistiu à novela e/ou ao filme.

Assim, verificamos que CLI rompe os limites da página impressa e de modo progressivo atinge um número significativo de pessoas que de outra forma, seja porque não soubessem e/ou não gostassem de ler, estariam à margem dessa cultura. Nesse sentido, concordamos com Ferreiro (1997: 281) que o modo de atuar frente a estes meios, em especial frente a essas telas (a da televisão e/ou a do computador) pode afetar a relação com o impresso, não só na frequência de uso, mas também, no que é mais importante, no modo de relação com o impresso.

No âmbito deste trabalho e da pesquisa que desenvolvemos, nos interessa a relação entre o modo de atuar frente à TV e a compreensão/produção de textos escritos.

1. Reflexões sobre o ensino de escrita: a programação da TV como fonte de leitura e de escrita

O quadro acima esboçado apenas aparentemente aponta para um conflito: o de que a cultura letrada tende a desaparecer ou o de que, como preconizou Kato (1989: 39), por ser o Brasil um país de real primazia do oral, essa cultura sofreria, aqui, ameaças, padeceria de algumas restrições. Na verdade, o que se pode depreender desse quadro é que essa cultura tem cada vez mais se fortalecido, seja porque ela tem força hegemônica, seja porque as novas possibilidades de “descolar” o texto do papel e apresentá-lo em um outro suporte demandam investimentos em tecnologia nem sempre levados a efeito com presteza nos países de terceiro mundo, como o nosso.

Nesse sentido, a tese aqui defendida é a mesma apontada por Eco (1989), Foucambert (1989), Ferreiro (1997), entre outros: as forças que parecem concorrer para expulsar o livro do centro do processo de organização social, paradoxalmente, parecem ser as mesmas que o trazem de volta ao epicentro desse processo.

Evidentemente, recolocar o livro no epicentro desse processo é uma tarefa que requer uma nova interpretação de como se dá a aprendizagem da escrita¹, que hoje pressupõe a utilização dos meios interativos, em especial a TV, em função do seu alcance.

Dados preliminares de uma pesquisa que estamos finalizando - o projeto de iniciação científica *Discursos em Imagem e Som e sua Relação com a Escolarização* (Lino de Araújo et al, 1998) - apontam que, em média, os adolescentes regularmente inseridos no sistema de ensino fundamental assistem a pelo menos 04 horas de TV por dia. Isto significa dizer que, de fato, esses alunos estão lendo um outro tipo de texto: os textos em imagem e som. A título de exemplo, podemos citar o sucesso da novela *Roque Santeiro*, cujo texto impresso seria quase impossível de ser lido pelos adolescentes e por boa parte dos adultos que assistiram a essa novela; este é também o caso das mini-séries; entre tantas salientamos o caso de *O memorial de Maria Moura*, baseado em livro homônimo de escritora Rachel de Queiroz, que se tornou, depois da adaptação para TV, o mais conhecido livro dessa escritora. Esse, sem

¹ Quando falamos em ensino da escrita, estamos pensando que a leitura e a produção de textos são habilidades indissociáveis.

dúvida, é também o caso de Romeu e Julieta, estória que provavelmente é muito mais conhecida pelas inúmeras adaptações do que pelo original. Disto tudo, o que permanece é a fonte, a referência, o autor. Se da perspectiva da CLT há que se lamentar por isto, talvez, na sociedade que se esboça por trás da queda de tantos paradigmas da informação e do ensino, o mais importante não seja exatamente ter lido, mas saber de que se trata, quem escreveu e, sobretudo, conhecer a referência, a fim de que se possa encontrar quando se quiser ler.

Outras pesquisas têm sido levadas a efeito em diferentes lugares do Brasil, com objetivos e público diversos do que pesquisamos, e cujos resultados têm ratificado nossas observações primárias. Podemos citar a pesquisa do Data Folha de 13/04/1997 que afirma serem as telenovelas o produto de maior audiência entre o público com escolarização média, independentemente da faixa etária. Citelli (1997), analisando o discurso dos alunos do ensino fundamental em aulas de várias disciplinas de 15 escolas paulistas, afirma que a telenovela é um dos produtos culturais mais vistos pelos escolares, constituindo-se, por isso mesmo, num dos temas mais recorrentes das suas conversas em sala de aula. Os resultados apresentados por Garrido (1997) podem ser igualmente considerados. Analisando o comportamento de crianças pré-escolares, essa autora detectou que os argumentos dos desenhos animados são o tema de suas conversas, de suas brincadeiras e são reproduzidos em suas reações mais cotidianas.

Essa realidade tem nos sugerido algum tipo de experimentação pedagógica que utilize a TV como recurso de ensino, visto que esse é um dos meios de comunicação que mais pode contribuir para ampliar os horizontes da cultura letrada, dada a sua penetração nos diversos grupos sociais independentemente da faixa etária. O principal motivo dessas experiências pedagógicas é o fato de se poder destacar da programação da TV bons exemplos para o ensino da escrita, que, se convenientemente utilizados, ajudarão os alunos a correlacionarem as manifestações da CLT e da CLI. Entre esses exemplos, destacamos o ensino da variação lingüística, do discurso citado e relatado, que podem ser levados a efeito a partir da exibição de trechos de novelas; o ensino da (in)formalidade textual que pode ser estudada através da análise de textos que ora mais se aproximam de eventos de fala espontânea em situações de mediação face-a-face, como as entrevistas, os talk-shows, os programas de audi-

tório, ou de textos que ora mais se aproximam da escrita acadêmica, tome-se como exemplo as reportagens, os documentários, os pronunciamentos, os telejornais; o ensino da leitura que pode ser levado a efeito a partir de um prisma intertextual, veja-se o caso das adaptações de obras literárias para as mini-séries, para as novelas, para os documentários, etc.

Historicamente, todos esses textos foram condenados pela escola, devido à sua função de guardião da CLT e de seu preconceito contra os meios de comunicação de massa, em especial, contra alguns dos seus produtos, como a telenovela. Entretanto, os teletextos oferecem grandes possibilidades de serem utilizados pela escola porque são bastante conhecidos pelos alunos, o que favorece a realização de um trabalho que parte do seu universo cultural e expanda-se para o universo dos livros. Um outro motivo a viabilizar essa utilização é o custo. Esses programas podem ser adquiridos quase a custo zero, com a gravação em video-tape. Alie-se a isso, a qualidade técnica das montagens da TV. São textos que atraem os alunos muitas vezes por esse aspecto do espetáculo e do lúdico, tantas vezes relegado pela escola.

Favorável à utilização pedagógica dos teletextos de forma geral, em especial da telenovela, Baccega (1996) afirma que esse produto é, inclusive, educativo no sentido de levantar certas discussões para um público relativamente pouco informado. Além disso, esse é, segundo a autora, o grande produto cultural brasileiro em função da sua penetração no exterior. Isto justifica um estudo mais aprofundado sobre o impacto das informações desses programas junto aos alunos do ensino fundamental e médio.

Em função dessas observações, o que defendemos aqui é que este seja um dos pontos de partida do professor de língua materna para um trabalho de compreensão e de crítica da CLT, trazendo, conseqüentemente, o livro de volta para a sala de aula, como o elemento estruturador da sua exposição e das atividades desenvolvidas pelos alunos.

Exemplo disso são os trabalhos de Lino de Araújo e Sobral (1997) e de Garrido (1997), sobre a utilização pedagógica de programas de TV em sala de aula. Esses trabalhos desenvolvidos em lugares diferentes do país e com alunos de séries diferentes têm em comum a conclusão de que o uso dos teletextos tem estimulado a participação dos alunos, bem como o seu desempenho nas atividades de leitura e produção de texto.

Esses trabalhos informam ainda que, inicialmente, o interesse dos alunos por esse tipo de texto não lhes permite perceber outras formas de divulgação cultural, porém ao se inserirem no universo da CLI perfazem um caminho que inevitavelmente os levará ao encontro do livro.

Entretanto, para que essa abordagem pedagógica tenha êxito e para que da novela, do telejornal ou do programa de entrevista, por exemplo, possa ser destacado um caráter educativo, mister se faz que os professores expandam sua cultura, sejam consumidores dos produtos gerados pela TV, não apenas telespectadores, e tenham também, como em relação aos livros, uma visão crítica, que contribua decisivamente para a formação de telespectadores críticos. Essa é, na nossa opinião, uma tarefa que cabe aos cursos de formação de professores. É no âmbito do estudo das teorias lingüísticas e literárias, com o apoio da semiótica e da análise do discurso, que certamente melhor se poderá desenvolver a caracterização e o estudo desses textos.

Acreditamos que as propostas de ensino de leitura e de produção de textos apoiadas apenas num único tipo de texto - o literário -, veiculado tão somente de forma impressa, precisam ser revistas. Os professores de língua materna precisam entender esses novos portadores textuais como de grande importância na sociedade atual e abrirem-se ao seu estudo de forma multidisciplinar, tendo as teorias sobre a linguagem como as teorias-fonte, que iluminem a reflexão metodológica. Reconhecer esta necessidade implica em construir um novo recorte para os estudos sobre a linguagem e as questões sócio-culturais. Essa constatação, evidentemente, levará a se (re)pensar a relação entre a teoria e a prática, buscando construir um moderno currículo de ensino de língua materna, que ao considerar tais questões possa entendê-las como objeto de estudo, estabelecendo, assim, um canal de interlocução que (re)alimente a prática e (re)configure a teoria.

3 - Considerações Finais

A questão aqui apresentada traz uma contribuição à discussão sobre o ensino da escrita porque aponta para a necessidade de se estudar a CLT, analisando-se a sua caracterização e a sua relação com CLI. A proposta aqui defendida é a de que se leve em consideração que atual-

mente existem múltiplas formas de se apresentar um livro e estas devem ser estudadas de modo tão sistemático quanto se estudam os gêneros escritos.

Questões como a do tipo focalizado neste trabalho são de grande interesse para os cursos licenciatura porque os obrigam a desenvolver uma análise muito mais profunda quanto ao que se considera como o fracasso dos alunos de Ensino Fundamental e Médio.

Referências Bibliográficas

- BACCEGA, M. A. *Novela é cultura*. In.: *VEJA*, 24 de Janeiro de 1996.
- CITELLI, A. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. São Paulo: Cortez, 1997.
- ECO, U. Reflexões sobre a escrita. *Cadernos do Terceiro Mundo*, nº 120, 1989, p. 38-41.
- FERREIRO, E. La revolución informática y los procesos de lectura y escritura. In.: *Estudos Avançados* 11 (29), São Paulo: USP, 1997, p. 277 - 285.
- FOUCAMBERT, J. *Question de lecture*. Paris: Éditions Retz/AFL, 1989.
- GARRIDO, E. TV, imaginário e reflexão na formação de professores. Comunicação apresentada no 11º COLE, Campinas, SP, 15 a 18/07/1997.
- GEE, J. Literacy: from Plato to Freire. In.: *Social linguistics and literacies. Ideologies in discourses*. Hampshire: The Falmer Press, 1990, p. 27 - 48.
- GNERRE, M. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- GRAFF, H. J. *Literacy in History. An Interdisciplinary research Bibliography*. New York: Garland Publishing, 1981
- KATO, M. A *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1989.
- LINO DE ARAÚJO, D. e SOBRAL, Z. A influência da TV na produção de textos. Comunicação apresentada no 11º COLE, Campinas, SP, 15 a 18/07/1997.
- LINO DE ARAÚJO et al. Relatório do Projeto de Iniciação Científica Discursos em Imagem e Som e sua Relação com a Escolarização. Ano I. 1998. Inédito.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- STREET, B. V. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- Telenovela dá IBOPE. Caderno de TV. Folha de São Paulo, 13/04/1997.